

RIMBAUD

UMA ESTAÇÃO
NO INFERNO



OS CADERNOS DE CULTURA

843
R 275

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

TÍTULO DO ORIGINAL :
UNE SAISON EN ENFER

TRADUÇÃO DE
XAVIER PLACER

NOTA DO TRADUTOR

Esta foi a única obra publicada pelo próprio Rimbaud (1854-1891). Apareceu em pequeno volume de 54 páginas, in 16, numa tiragem de 500 exemplares, impresso em Bruxelas, em 1873, pela Alliance Typographique (M. J. Poot et Cie.) para ser vendido ao preço de um franco.

A impressão correu por conta do desconhecido poeta de dezenove anos. Alguns exemplares foram-lhe remetidos, exemplares que o autor oferece a Verlaine, Richepin, Forain, Delahaye e Millot. Não sendo reembolsado, o impressor reteve a edição, até que um advogado belga e bibliófilo, Léon Losseau, a descobriu em 1901.

Quanto à presente tradução fi-la sobre o texto de um desses exemplares, reproduzido em Oeuvres Complètes de Arthur Rimbaud, (Librairie Gallimard, 1951). Texte établi et annoté par Rolland de Renéville et Jules Mouquet. Bibliothèque de la Pléiade, N. R. F.

Devo dizer que tive a preocupação de ficar sempre, quanto possível, fiel ao original. Liberdades, ainda assim insignificantes, só as tomei quando de todo não restava outro recurso.

Porque penso que seria destigurar e trair a obra inserir-lhe na tradução arredondamentos literários, acla-

MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES	
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL	
C. S. K. E.	
NÚMERO	DATA
139	11-2-54

ramentos por meio de perífrase, etc., de que ela intencionalmente carece. Respeitei inclusive a pontuação, a pontuação por vêzes esquisita, complicada e arbitraria, de Rimbaud.

Une Saison en Enfer é obra que demanda iniciação. Seria ingenuidade julgar poder compreendê-la sem se estar a par de circunstâncias da vida de seu genial autor, talvez o "caso" mais estranho na poesia de tôdas as literaturas. Estas páginas são, não o ignoram os rimbaldianos, a autobiografia de uma alma a quem Claudel chamou "un mystique au état sauvage". O livro não foi escrito: nasceu, explodiu em sua rica personalidade.

Isto tudo é para declarar que realizei uma tradução a zero graus. Está longe de ser perfeita, representa uma tentativa. Nem isto é uma defesa prévia: apenas uma explicação em tempo.

XAVIER PLACER

* * *

ANTIGAMENTE, se bem me lembro, minha vida era um festim no qual todos os corações exultavam, no qual corriam todos os vinhos.

Uma noite, sentei a Beleza em meus joelhos. — E acheia-a amarga. — E injuriei-a.

Armei-me contra a justiça.

Fugi. Ó feiticeiras, ó miséria, ó ódio, a vós é que foi confiado o meu tesouro!

Tudo fiz para que se desvanecesse em meu espírito a esperança humana. Como um animal feroz, investi cegamente contra a alegria para estrangulá-la.

Conjurei os verdugos para morder, na minha agonia, a culatra de seus fuzis. Conjurei as pragas, para afogar-me na areia, no sangue. Fiz da desgraça a minha divindade. Refocilei na lama. Enxuguei-me ao ar do crime. E preguei boas peças à loucura.

E a primavera trouxe-me o horrível gargalhar do idiota. Ora, por último, chegando a ponto de quase fazer o trejeito final, sonhei encontrar a chave do festim antigo, no qual talvez recobriria o apetite.

A caridade é essa chave. — Esta inspiração prova que tenho sonhado!

“Sempre serás hiena, etc...” exclama o demônio que me coroou de tão amáveis papoulas. “Vence a morte com todos os teus apetites, com todo o teu egoísmo e todos os pecados capitais”.

Ah! estou farto de tudo isso: — Mas, querido Satã, eu te conjuro a que não me fites com pupila tão irritada! e à espera das pequenas covardias atrasadas, para vós outros que admirais no escritor a ausência das faculdades descritivas ou pedagógicas, para vós arranço algumas hediondas páginas do meu caderno de condenado.

MAU SANGUE

HERDO de meus antepassados, os gauleses, os olhos azuis-claros, a fronte estreita, e a falta de jeito para a luta. Sinto que minhas roupas são tão bárbaras quanto as dêles. Apenas não unto a cabeleira.

Os Gauleses foram esfoladores de animais, queimadores de ervas, os mais inábeis de seu tempo.

Dêles, eu herdo: a idolatria e o amor ao sacrilégio; — oh! todos os vícios: cólera, luxúria, — magnífica, a luxúria; — sobretudo mentira e preguiça.

Detesto tôdas as profissões. Mestres e oficiais, todos campônios, ignaros. A mão que empunha a pena equivale à que guia o arado. — Que século de mãos! — Jamais me servirei das mãos! Depois, a domesticidade leva demasiado longe. A honradez da mendicidade exaspera-me. Os criminosos repugnam-me como castrados: quanto a mim, estou intacto, e pouco se me dá.

Mas quem fez tão pérfida a minha língua que, até agora, tem guiado e protegido a minha preguiça? Sem saber utilizar-me do corpo, e mais ocioso que um sapo, tenho vivido por tôda a parte. Não há família na Europa que eu não conheça: — Estou falando de

famílias iguais à minha, que devem tudo à declaração dos Direitos do Homem — Tenho conhecido cada filho-família!

* * *

Se possuísse antecedentes em um ponto qualquer da história de França!

Mas não, nada.

Não ignoro que fui sempre de raça inferior. Não posso compreender a revolta. Minha raça só se rebelará para saquear: como os lobos ao animal que não mataram.

Recordo a história de França, filha primogênita da Igreja. Aldeão, teria empreendido viagem à Terra Santa; vejo em pensamento caminhos nas planícies suábias, panoramas de Bizâncio, muralhas de Jerusalém: o culto de Maria, o enternecimento para com o crucificado despertam em mim entre mil fantasias profanas. — Estou sentindo, leproso, sobre cacos de vasos e ortigas, junto a um muro roído pelo sol. — Mais tarde, lansquenete, (1) bivacaria sob as noites de Alemanha.

Ah! mais ainda: danço o *sabbat* numa incendiada clareira, com velhas e crianças.

Minhas lembranças detêm-se nessa terra e no cristianismo. Ver-me-ei sempre nesse passado. Mas sempre sozinho; sem família; e, além disso, que língua falarei? jamais me surpreendo nos concílios de Cristo ou nos concílios dos Senhores, — representantes de Cristo.

(1) Nome dado no século XV aos mercenários de infantaria alemães.

Que era eu no século passado: só hoje torno a encontrar-me. Acabaram-se os vagabundos, nada de guerras sem sentido. A raça inferior cobriu tudo — o povo, como se diz, a razão; a nação, e a ciência.

Oh! a ciência! Tudo se repete. Para o corpo e para a alma, — o viático — temos a medicina e a filosofia, — os remédios das boas mulheres e as canções populares apropriadas. E as distrações dos príncipes e os jogos que êles interditam! Geografia, cosmografia, mecânica, química . . .

A ciência, a nova nobreza! O progresso. O mundo marcha. Por que não havia de girar?

E' a visão dos números. Vamos para o *Espírito*. E' certíssimo, êste oráculo, que eu faço. Compreendo, e não sabendo explicar-me sem palavras pagãs, preferiria silenciar.

* * *

Retorna o sangue pagão! O Espírito está próximo; por que Cristo não me ajuda, dando à minha alma nobreza e liberdade? Ai, o Evangelho morreu. O Evangelho! O Evangelho.

Espero Deus àvidamente. Sou de raça inferior por tôda a eternidade.

Estou na praia armoricana (1). Que as cidades se iluminem à noite. Minha jornada está realizada; abandono a Europa. A aragem marinha queimar-me-á

(1) Antigo nome da região noroeste da França, compreendendo a costa de Gaul, Sena e Loire (rios).

os pulmões; os climas perdidos tostar-me-ão. Nadar, mordiscar ervas, caçar, fumar, sobretudo; beber licores fortes como chumbo derretido, — qual faziam êsses queridos antepassados em volta do fogo.

Retornarei com membros de aço, negra a epiderme, as pupilas acesas: por minha máscara julgar-me-ão de uma raça forte. Possuirei ouro: serei ocioso e brutal. As mulheres cuidam dêstes ferozes enfermos que regressam dos países quentes. Participarei dos negócios políticos. Salvo.

Agora estou amaldiçoado, horroriza-me a pátria. O melhor é um sono, completamente bêbedo, na praia.

* * *

Ninguém parte. — Percorramos novamente os caminhos daqui, carregado de meu vício que aprofundou suas raízes de sofrimento a meu lado, desde a idade da razão, — que sobe ao céu, me golpeia, derruba, arrasta.

A derradeira inocência e a derradeira timidez. Está dito. Não entregar ao mundo meus desgostos e minhas traições.

Vamos! A marcha, o fardo, o deserto, o tédio e a cólera.

A quem me alugar? Que besta é preciso adorar? Que santa imagem atacar? Que corações destruirei? Que mentira devo sustentar? Sôbre que sangue caminhar?

Mas, é melhor evitar a justiça. — A vida dura, o simples embrutecimento, — levantar, o punho sêco, a

tampa do caixão, sentar-se, afogar. Assim desaparecem a velhice e os perigos: o terror não é francês.

— Ah! Sinto-me tão abandonado que estou oferecendo a qualquer divina imagem — impulsos para a perfeição.

Ó minha abnegação, ó maravilhosa caridade! aqui em baixo, embora!

De profundis, Domine, que estúpido sou!

* * *

Menino, eu admirava o presidiário intratável sôbre quem se fecha sempre a porta da prisão; visitava os albergues e as pousadas que êle havia santificado com sua passagem; via *com sua idéia* o céu azul e o trabalho florido do campo; pressentia sua fatalidade nas cidades. Era mais forte que um santo, tinha mais bom-senso que um viajante, — e êle, só êle! como testemunho de sua glória e de sua razão.

Nas estradas, nas noites de inverno, sem teto, sem roupa, sem pão, uma voz oprimia meu coração gelado: “Fraqueza ou fôrça: repara, é a fôrça. Não sabes para onde vais, nem porque vais, entra por tôda a parte, responde a tudo. Não lograrão matar-te a menos que já sejas um cadáver”. Pela manhã tinha o olhar tão perdido e o aspecto tão morto, que aquêles que me encontravam *possivelmente não me viam*.

Nas cidades, a lama parecia-me de súbito vermelha e negra, como um espelho quando a lâmpada cir-

cula na peça contigua, como um tesouro na floresta! Boa sorte, exclamava eu, e via um mar de labaredas e fumaça no céu, e, à esquerda, à direita, tôdas as riquezas ardendo como um milhar de relâmpagos.

Mas a orgia e a camaradagem das mulheres me estavam proibidas. Nem ao menos um companheiro. Via-me diante de uma multidão exasperada, em frente ao pelotão de fuzilamento, chorando a desgraça de que não houvessem podido compreender, e perdendo! — Como Joana d'Arc! — “Sacerdotes, professôres, mestres, vós vos enganais entregando-me à Justiça. Jamais pertenci a êste povo daqui de baixo; jamais fui cristão; eu pertença à raça que cantava no suplício; não compreendo as leis; não tenho senso moral; sou um bruto: vós vos enganais”.

Sim, tenho os olhos cerrados para a vossa luz. Sou uma fera, um negro. Contudo posso salvar-me. Vós sois falsos negros; vós, maníacos, ferozes, avaros. Mercador, tu és negro; magistrado, tu és negro; general, tu és negro; imperador, velho prurido, tu és negro; tu bebeste um licor não selado, da fábrica de Satã. — Êste povo está inspirado pela febre e pelo câncer. Mutilados e velhos são de tal modo respeitáveis que pedem que os cozinhem. — O mais sábio é abandonar êste continente, onde ronda a loucura para prover de reféns êstes miseráveis. Entro no verdadeiro reino dos filhos de Can.

Conheço ao menos a natureza? conheço-me a mim próprio? — *Basta de palavras.* Sepulto os mortos em meu ventre. Gritos, tambor, dança, dança, dança,

dança! Nem sequer considero que ao desembarcarem os brancos, cairei no nada.

Fome, sede, grito, dança, dança, dança, dança!

* * *

Os brancos desembarcam. O canhão! E' preciso submeter-se ao batismo, vestir-se, trabalhar.

Recebi no coração o toque da graça. Ah! não o havia previsto!

Nunca pratiquei o mal. Os dias vão ser suaves, apagar-se-me-á o remorso. Não terei suportado os tormentos da alma quase morta para o bem, onde sobe a luz severa como os círios fúnebres. A sorte do filho-família, esquife prematuro coberto de límpidas lágrimas. Certo, a libertinagem é estúpida, o vício é estúpido; é preciso arrojá-lo distante a podridão. Mas o relógio nunca dará unicamente as horas de dor! Vou ser raptado qual uma criança, para brincar no paraíso, esquecido de tôdas as desgraças?

Depressa! há outras vidas? — O sono em meio às riquezas é impossível. A riqueza foi sempre bem público. Só o amor divino outorga as chaves da ciência. Vejo que a natureza não é senão um espetáculo de bondade. Adeus quimeras, ideais, erros!

O canto razoável dos amigos eleva-se do navio salvador: é o amor divino. — Dois amores! posso morrer de amor terrestre, morrer de sacrifício. Deixei almas cuja pena crescerá com minha partida! Escolheste-me entre náufragos; os que ficam são meus amigos?

Salvei-os!

Despertou-me a razão. O mundo é bom. Abençoarei a vida. Amarei meus irmãos. Não são promessas infantis. Nem esperança de escapar à velhice e à morte. Deus me dá força e eu louvo a Deus.

* * *

O tédio já não é o meu amor. As cóleras, a libertinagem, a loucura, — dos quais conheço todos os impulsos e tôdas as conseqüências — todo o meu fardo está deposto. Apreciemos sem vertigem a extensão de minha inocência.

Já não serei capaz de implorar o consôlo de uma bastonada. Não me acredito a caminho de umas núpcias com Jesus Cristo por sôgro.

Não sou prisioneiro de minha razão. Disse: Deus. Quero a liberdade na salvação: como alcançá-la? Os gostos fúteis abandonaram-me. Já não preciso de sacrificios nem de amor divino. Não tenho saudades do século dos coração sensíveis. Cada um tem sua razão, desprezo e caridade: retenho meu lugar no alto desta angélica escala de bom-senso.

Quanto à felicidade estabelecida, doméstica ou não... não, não posso. Estou demasiado gasto, demasiado débil. A vida floresce pelo trabalho, velha verdade: quanto a mim, minha vida não é suficientemente pesada, vôa e flutua distante, por cima da ação, êsse adorado eixo do mundo.

Como me sinto solteirona, falto de coragem para amar a morte.

Se Deus me concedesse a calma celeste, aérea, a oração, — como os antigos santos —. Os santos! os fortes! os anacoretas, os artistas tais quais já não precisamos.

Farça contínua! Minha inocência me faria chorar. A vida é a farça que todos têm que representar.

* * *

Basta! eis a punição. — *Em marcha!*

Ah! queimam os pulmões, latejam as têmporas! A noite tomba em meus olhos, em pleno sol! O coração... os membros...

Aonde vamos? ao combate? Sou fraco! os outros avançam. Os ferros, as armas... o tempo!...

Fogo! Fogo sôbre mim! Lá! para onde me dirijo. — Covardes! — Mato-me! Arrojo-me entre as patas dos cavalos!

— Habituar-me-ei a isso.

Esta seria a vida francesa, o caminho da honra!

NOITE DE INFERNO

BEBI um grande gole de veneno. — Três vêzes bem-dito o conselho que até mim chegou! Abrasam-se-me as entranhas. A violência do veneno convulsiona-me os membros, desfigura-me, atira-me ao solo. Morro de sede, sufoco, não posso gritar. E' o inferno, a condenação eterna! Olhai como o fogo cresce. Queimo como devo queimar! Sai, demônio!

Havia entrevisto a conversão ao bem e à felicidade, a salvação. Posso descrever a visão? O ar do inferno não tolera hinos! Eram milhões de criaturas encantadoras, um suave concêrto espiritual, a fôrça e a paz, as nobres ambições, que sei eu?

As nobres ambições!

E é ainda a vida! — Se a condenação é eterna! Um homem que quer mutilar-se está condenado, não é assim? Acredito-me no inferno, logo estou nêle. E' o cumprimento do catecismo. Sou escravo de meu baptismo. Pais, fizestes a minha desgraça e a vossa! Pobre inocente! — O inferno nada pode contra os pagãos. — E' a vida. Mais tarde, as delícias da condenação serão mais profundas. Um crime, depressa, que as leis humanas me precipitem no nada.

Cala-te, mas cala-te!... Esta é a vergonha, esta a repreensão: Satã que diz que o fogo é ignóbil, que minha cólera é terrivelmente louca. — Chega!... Segredam-me erros, magias, falsos perfumes, músicas pueris. — E dizer-se que possuo a verdade, que vejo a justiça: tenho um juízo são e firme, estou pronto para a perfeição... Orgulho. — Seca-me a pele da cabeça. Piedade! Senhor, eu tenho mêdo. Tenho sede, tanta sede! Ah! a infância, a erva, a chuva, o lago sôbre as pedras, a *claridade da lua quando o campanário tocava meia-noite*... O diabo está no campanário, a esta hora. Maria! Virgem Santa!... — Horror de minha idiotice.

Lá longe, não há almas honestas que me desejem o bem?... Vinde... Tenho um travesseiro sôbre a bôca, não me ouvem, são fantasmas. Além disso, que ninguém se aproxime. Cheiro a queimado, é certo.

As alucinações são inumeráveis. E' a que sempre tive: nenhuma fé na história, esquecimento dos princípios. Calar-me-ei: poetas e visionários sentiriam ciúmes. Sou mil vêzes mais rico, sejamos avaros como o mar.

Ah! o relógio da vida parou neste instante. Já não estou no mundo. — A teologia é séria, o inferno está sem dúvida *em baixo* — e o céu no alto. — Êxtase, pesadelo, sonho em meio a um ninho de labaredas.

Quanta malícia na atenção no campo... Satã, Ferdinando (1), corre com os grãos selvagens... Jesus

(1) Nome que se dá ao Diabo, nas Ardennes, departamento do norte da França.

caminha sôbre sarças ardentes, sem dobrá-las... Jesus caminhava sôbre as águas revoltas. A lanterna no-lo mostrou de pé, branco e as tranças negras, sôbre uma onda de esmeralda...

Vou desvendar todos os mistérios: mistérios religiosos ou naturais, morte, nascimento, futuro, passado, cosmogonia, o nada. Sou mestre em fantasmagorias.

Escutai!

Possuo todos os talentos. — Aqui não há nada e há alguém: não quisera desperdiçar o meu tesouro. — Desejais que eu desapareça, que mergulhe à procura do anel? Desejais? Fabricarei ouro, remédios.

Confiai em mim, a fé conforta, guia, cura. Vinde todos, — até as criancinhas, — para que vos console, para que vos prodigue o seu coração. — O coração maravilhoso! — Pobres homens, trabalhadores! Não peço orações; serei feliz apenas com vossa confiança.

— E pensemos em mim. Isto me faz ter raras saudades do mundo. Minha vida foi sômente doces loucuras, é lamentável.

Bah! façamos tôdas as caretas imagináveis.

Decididamente, estamos fora do mundo. Já não há ruídos. Desapareceu-me o tato. Ah! meu castelo, minha Saxônia, meu bosque de salgueiros. As tardes, as manhãs, as noites, os dias... Estou exausto!

Deveria ter o meu inferno pela cólera, meu inferno pelo orgulho, — e o inferno da preguiça; um concêrto de infernos.

Morro de cansaço. E' o túmulo, vou para os vermes, horror de horrores! Satã, fargante, queres dissol-

ver-me com teus feitiços? Exijo. Exijo! um golpe de tridente, uma gôta de fogo.

Ah, sair de novo para a vida! Contemplar nossos aleijões! E êsse veneno, êsse beijo mil vêzes maldito! Minha fraqueza, a crueldade do mundo! Deus meu, piedade, esconde-me, estou doente! — Estou escondido e ao mesmo tempo não o estou.

E' o fogo que se levanta com o seu condenado.

DELÍRIOS

I

VIRGEM LOUCA

O ESPÔSO INFERNAL

OUÇAMOS a confissão de um companheiro do inferno:

“Ó divino Espôso, meu Senhor, não repilas a confissão da mais triste de tuas servas. Estou perdida. Estou bêbeda. Estou impura. Que vida!”

“Perdão, divino Senhor, perdão! Ah! perdão! Quantas lágrimas! E quantas lágrimas ainda espero!”

“Mais tarde, conhecerei o divino Espôso! Nasci submissa a Êle! — O outro pode bater-me agora!”

“No momento, estou no fundo do mundo, ó minhas amigas!... não, não sois minhas amigas... Jamais delírios nem torturas semelhantes... E' idiota!”

“Ah! soffro, grito. Soffro de verdade. Porém tudo me é permitido, carregada de desprezo dos mais desprezíveis corações”.

“Enfim, façamos esta confidência, com a reserva de repeti-la vinte vêzes ainda, — tão morna, tão insignificante!”

“Sou escrava do Espôso infernal, aquêle que perdeu as virgens loucas. E' êsse demônio mesmo. Não é um espetro, não é um fantasma. Mas a mim, que perdi a sabedoria, que estou condenada e morta no mundo, — não me matarão! Como vo-lo descrever! Já nem mesmo sei falar. Estou de luto, choro, tenho medo. Um pouco de ar, Senhor, se assim o desejas, se assim o desejas!”

“Estou viuva... — Estava viuva... — Sim, fui muito honesta antigamente, e não nasci para tornar-me esqueleto!... — Êle era quase uma criança... Seduziram-me as suas misteriosas delicadezas. Esqueci todo o meu dever humano para segui-lo. Que vida! A verdadeira vida está ausente. Não estamos no mundo. Vou aonde vai êle, é preciso. E com freqüência êle se encoleriza contra mim, *contra mim*, a *pobre alma*. O Demônio! — E' um demônio, vós o sabeis, *não é um homem*”.

“Êle diz: “Não amo as mulheres: sabemos que o amor está por ser reinventado. Já não podem desejar senão uma posição segura. Alcançada, o coração e a beleza são postos à margem: não resta senão álgido desdém, o alimento do casamento, hoje. Ou então vejo mulheres, com os sinais da felicidade, mulheres das quais eu poderia fazer boas amigas, devoradas por brutos desde o primeiro momento sensíveis como fogueiras”... .

“Ouço-o fazer da infâmia uma glória, da crueldade um encanto”. Eu sou da raça antiga: meus pais eram escandinavos: transpassavam-se as costelas, bebiam o próprio sangue. — Ferirei todo o meu corpo, tatuar-

me-ei, quero ser horrível como um mongol: verás, urrarei em plena rua. Quero ficar louco de raiva. Nunca me mostres jóias: arrastar-me-ia e me contorceria sôbre a relva. Minha riqueza, quisera-a tôda enodoada de sangue. Nunca hei de trabalhar. . .” Certas noites, seu demônio apoderando-se de mim, nós rodávamos, eu lutava com êle! — Às noites, freqüentemente bêbedo, escondia-se nas ruas ou nas casas para assustar-me mortalmente. — “Cortar-me-ão na verdade o pescoço; será asqueroso”. Oh! êsses dias em que êle quer caminhar com aspecto de crime!”

“Algumas vêzes fala, numa espécie de patoá enternecido, da morte que traz o arrependimento, dos infelizes que certamente existem, dos trabalhos penosos, das partidas que despedaçam os corações. Nas tascas em que nos embriagávamos, punha-se a chorar ao pensar nos que nos rodeiam, rebanho da miséria. Erguia os bêbedos nas negras ruas. Tinha piedade de uma mãe perversa para com os filhinhos. — Portava-se com uma graça de menina, a caminho do catecismo. — Afectava tudo saber: comércio, arte, medicina. — Eu o seguia, era preciso!

“Eu via tôda a decoração de que, em espírito, êle se rodeava; vestidos, panos, móveis: eu lhe emprestava armas, outro rosto. Eu via tudo o que lhe interessava, como êle quisera criá-lo para si próprio. Quando me parecia que seu espírito estava inerte, eu o acompanhava, por mim mesmo, em ações estranhas e complicadas, longe, boas ou más: estava perfeitamente segura de que nunca penetraria em seu mundo. Ao lado de seu amado corpo adormecido, quantas horas da noite

não veei, perguntando-me porque tanto porfiava êle em evadir-se da realidade. Jamais homem algum fêz tal voto. Advertia-me, — sem temer por êle — de que bem podia ser um grave perigo para a sociedade. — Acaso possuirá segredos para *transformar a vida*? Não, não faz mais que procurá-los, respondia a mim mesmo. Sua caridade está enfeitçada e retém-me prisioneira. Nenhuma outra alma a não ser a minha teria bastante fôrça — fôrça de desespero! — para suportá-la, para ser protegida e amada por êle. Além disso, não o imaginava com outra alma: vê-se seu Anjo, nunca o Anjo de nenhum outro, creio eu. Eu habitava em sua alma como em um palácio que se desocupou para não se ver nêle uma pessoa menos nobre que vós: eis tudo. Ai! eu dependia por completo dêle. Mas, que queria êle de minha existência opaca e covarde? Não me tornava melhor, se não me fazia morrer! Tristemente despeitada, eu lhe disse algumas vêzes:

“Compreendo-te”. Êle dava de ombros.

“Assim, como renovasse sem cessar meu sofrimento, e sentindo-me a meus próprios olhos ainda mais perdida, — como diante de todos os olhos que quisessem contemplar-me se não estivesse condenada para sempre ao esquecimento de todos — aumentava cada vez mais minha fome de sua bondade. Seus beijos e abraços eram um céu, um sombrio céu no qual eu entrava, e no qual desejava que me abandonasse, pobre, surda, muda, cega. Eu começava a habituar-me. Considerava que éramos duas crianças boas; livres para passear no Paraíso da tristeza. Compreendíamos-nos. Comovidos, trabalhávamos juntos. Mas, após uma pe-

netrante carícia, êle observava: Quando eu me fôr, que estranho te parecerá tudo porque tens passado. Quando já não tenhas meus braços em tórno de teu pescoço, nem meu coração para reclinar-te, nem esta bôca sôbre teus olhos. Porque um dia terei que partir para muito longe. Além disso, tenho que ajudar a outros: é meu dever. Ainda que isso não seja lá muito agradável... amada criatura". Imediatamente eu o imaginava distante, e me sentia prêsa de vertigem, relegada à mais espantosa das sombras: a morte. Obrigava-o prometer que não me abandonaria. Vinte vêzes me fez essa promessa de amante. Era tão frívolo quanto eu, quando lhe dizia:

"Compreendo-te".

"Ah! Jamais tive ciúmes dêle. Não me abandonarás, creio. Que faria? Não possui conhecimentos, nunca trabalhará. Quer viver sonâmbulo. Bastaria a sua bondade e caridade para dar-lhe direito no mundo real? Por um instante, esqueço o estado lastimoso em que caí: êle far-me-á forte, viajaremos, caçaremos nos desertos, dormiremos sôbre o empedrado de cidades desconhecidas, sem auxílios, sem queixa. Ou ao despertar, as leis e os costumes terão mudado, — graças a seu mágico poder; ou o mundo, permanecendo igual, abandonar-me-á a meus desejos, a minhas alegrias, a minhas indolências. Oh! dar-me-ás a vida de aventuras que existe nos livros infantis a fim de me recompensar de quanto tenho sofrido? Não posso. Ignoro seu ideal. Declara-me que sente remorsos, que tem esperanças: isto não deve importar-me. Fala com Deus?

Talvez devesse eu mesma dirigir-me a Deus. Estou no mais profundo abismo, e não sei mais rezar".

"Se me explicasse suas tristezas, compreende-las-ia melhor que suas zombarias? Êle me ataca, durante horas a fio me humilha por tudo que me tem comovido no mundo, e fica furioso se me ponho a chorar".

"— Estás vendo êste elegante jovem que entra numa bela e tranquila residência? Chama-se Duval, Dufor, Armando, Maurício, que sei eu? Uma mulher dedicou-se a amar êste perverso idiota: está morta; certo é agora uma santa no céu. Causarás a minha morte como êle causou a dessa mulher. E' nosso destino, o dos corações caridosos..." Ai! dias havia em que os homens afiguravam-se-lhe joguetes de delírios grotescos; punha-se a rir horrivelmente, por muito tempo. — Depois, recuperava seus modos de jovem mãe, de irmã mais velha. Se fôra menos selvagem, estaríamos salvos! Mas também sua doçura é mortal. Estou submetida a êle. — Ah! estou louca!"

"Um dia, talvez, desaparecerá maravilhosamente; mas preciso saber se voará para algum céu, para que eu veja, ainda que por um pouco, a assunção de meu amiguinho".

Que casal risível!

DELÍRIOS

II

ALQUIMIA DO VERBO

PARA mim. A história de uma de minhas loucuras. De há muito, eu me vangloriava de possuir tôdas as paisagens possíveis, e achava irrisórias as celebrações da pintura e da poesia modernas.

Extasiava-me diante de pinturas idiotas; portais, decorações, telas de saltimbancos, desenhos, estampas populares; literatura fora de moda, latim de igreja, livros eróticos sem ortografia, romances de nossos avós, contos de fadas, livros infantis, velhas óperas, ditados tolos, ritmos ingênuos.

Sonhava cruzadas, viagens de descobertas, das quais não existem notícias, repúblicas sem história, guerras de religião sufocadas, revolução de costumes, deslocamento de raças e continentes: acreditava em tudo quanto era encantamento.

Inventei a côr das vogais! — A negro, E branco, I vermelho, O azul, U verde. — Regulei a forma e o

movimento de cada consoante, e me vangloriei de inventar, com ritmos instintivos, um verbo poético acessível, algum dia, a todos os sentidos. Eu me reservava a sua tradução.

De início foi apenas um estudo. Escrevia os silêncios, as noites; anotava o inexprimível. Fixava as vertigens.

. * * *

*Longe dos pássaros, dos rebanhos, dos camponeses,
Que bebia eu, joelhos em terra, naquela mata
Rodeada de ternos bosques de aveleiras,
Numa tênue e verde bruma, ao meio-dia?*

*Que podia beber neste jovem Oise, (1)
— Olmos sem voz, relva sem flôres, céu aberto! —
Que podia beber nessas amareladas cabaças, longe de
[minha choupana
Querida? Um licor de ouro que faz transpirar?*

*Eu era como um torpe emblema de hospedaria.
— Uma tempestade desterrou o céu. Dentro da noite
A água dos bosques perdia-se entre as areias virgens,
O vento de Deus lançava pedras de gelo sôbre os
[charcos;
Soluçando, eu contemplava ouro — e não pude beber.*

(1) Rio do norte da França, que nasce na Bélgica.

* * *

*Às quatro da manhã, no verão,
O amoroso cansaço dura ainda,
Sob os pequenos bosques se evola
O perfume da noite de festa.*

*Ao longe, na ampla oficina,
Ao sol das Hespérides,
Já se agitam — em mangas de camisa —
Os Carpinteiros.*

*Em seus Desertos de musgo, tranquilos,
Trabalham preciosos lambris (1)
Nos quais a cidade.
Pintará falsos céus.*

*Oh, por êstes Obreiros, encantadores
Súditos de um rei da Babilônia,
Abandona um instante, ó Vênus,
Os Amantes de alma coroadal*

*Ó Rainha dos Pastores,
Leva aos trabalhadores a aguardente
Que lhes retempere as fôrças
Enquanto esperam o banho de mar ao meio-dia.*

* * *

A velha poesia tinha boa parte na minha alquimia do verbo.

(1) Madeira lavrada, mármore ou estuque, com que se revestem as paredes ou o teto de uma sala.

Habituei-me à alucinação simples: via com tôda a sinceridade uma mesquita em lugar de uma fábrica, uma escola de tambores com anjos por discípulos, caleches nas estradas do céu, um salão no fundo de um lago; os monstros, os mistérios; um título de *vaudeville* provocava terrores a meus olhos.

Depois expliquei os meus sofismas mágicos com a alucinação das palavras!

Acabei considerando sagrada a desordem de meu espírito. Ocioso, vítima de acabrunhante febre, invejava a felicidade dos animais, — as lagartas, que representam a inocência dos limbos, as toupeiras, o sono da virgindade!

Meu caráter azedava-se. Despedia-me do mundo numa espécie de romances:

CANÇÃO DA MAIS ALTA TÔRRE

*Que venha, que venha,
O tempo de amar.*

*Juntei tanta paciência
Que esqueci para sempre.
Temores e sofrimentos
Aos altos céus evolveram-se.
E uma sede malsã
Escurece-me as veias*

*Que venha, que venha,
O tempo de amar.*

*Qual descampado
Deixado ao abandono,
Coberto e florido
De incenso e joio,
Sob o feroz zumbido
Das mais sujas môscas.*

*Que venha, que venha,
O tempo de amar.*

Amei o deserto, os pomares adustos, as tascas miseráveis, as bebidas fracas. Arrastava-me por becos infectos e, olhos fechados, oferecia-me ao sol, deus do fogo.

“General, se restar um velho canhão em tuas muralhas arruinadas, bombardeia-me com petardos de terra sêca. Às vitrines das esplêndidas lojas! nos salões! Obriga a cidade a comer a própria poeira. Oxida as torneiras. Enche os toucadores do pó de rubis ardentes...”

Oh! O moscardo embriagado no mictório da hospedaria, atraído pela borragem, e que se dissolve a um raio de luz!

FOME

*Se tenho apetite, é só
De terra e pedras.
Diariamente almoço ar,
Rocha, carvões e ferro.*

*Minhas fomes, voltai. Pastai, lomes,
O prado das sêneas.
Atrai o alegre veneno
Das papoulas.*

*Comei cascalho britado,
Pedras de velhas igrejas;
Blocos erráticos de antigos dilúvios,
Pães semeados nos vales cinzentos.*

* * *

*O lobo uivava sob a folhagem,
Cuspindo as belas penas
De seu almoço de pássaros:
Como êle, assim me consumo.*

*As hortaliças, os frutos
Aguardam só a colheita;
Mas a aranha do sótão,
Esta vive de violetas.*

*Que eu adormeça! que eu arda
Nas aras de Salomão.
A fervura escorre pela ferrugem
E se mistura ao Cedráo. (1)*

(1) Rio da Palestina.

Enfim, ó felicidade, ó razão, eu separava do céu o azul, que é meio negro, e vivi, centelha de ouro da luz natureza. De alegre, eu adquiria a mais burlesca e alucinante aparência que imaginar se possa:

*Ela foi achada!
Que? a eternidade.
E' o sol desfeito
Nos longes do mar.*

*Minha alma eterna,
Cumpre a tua promessa
Apesar da noite solitária
E do dia em chamas.*

*Para isso desprende-te
Dos humanos laços
Dos vãos entusiasmos!
E voa ao acaso...*

*— Nada de esperança,
Nem de orietur,
Ciência e paciência,
Certo é o suplício.*

*Lá se foi a manhã;
Brasas de cetim,
O vosso ardor
E' a obrigação.*

*Ela foi achada!
—Que? — A Eternidade.
E' o sol desfeito
Nos longes do mar.*

* * *

Tornei-me um ópera fabuloso: vi que todos os seres têm a fatalidade da felicidade: a ação não é a vida, mas u'a maneira de consumir forças, um enervamento. A moral é uma fraqueza do cérebro.

Afigurava-se-me que a cada sêr *outras vidas* correspondiam. Êsse senhor aí não sabe o que faz: é um anjo. Essa família é um ninho de cães. Em presença de certos homens, falei em alta voz com um momento de uma de suas outras vidas. — Assim, amei um porco

Nenhum dos sofismas da loucura, — a loucura que se encarcera, — foi esquecido por mim: poderia repetí-los todos, possuo o sistema.

Minha saúde viu-se ameaçada. Sobrevinha o terror. Caía no sono durante dias seguidos e, uma vez desperto, continuava os sonhos ainda mais tristes e, por um caminho cheio de perigos, a minha fraqueza conduzia-me aos confins do mundo e da Ciméria, (1) pátria das sombras e dos turbilhões.

Tive que viajar, distrair os encantamentos concentrados em meu cérebro. Do mar, que eu amava como se êle me fôsse lavar de u'a mancha, via emergir a cruz consoladora. Eu havia sido condenado pelo arco-iris. A Felicidade era a minha fatalidade, o meu re-

(1) Nome de um grande povo da antiguidade, que se considerava habitante dos confins da terra.



morso, o meu verme: a minha vida sempre seria demasiado imensa para dedicá-la à força e à beleza.

A Felicidade! Seus dentes, suaves à morte, advertiam-me ao cantar do galo, — *ad matutinum*, ao *Christus venit*, — nas mais sombrias cidades :

Ó estações, ó castelos!
Que alma há sem defeitos?

Fiz a mágica experiência
** Da felicidade, da qual ninguém escapa.*

Saudémo-la a cada vez
Que canta o galo gaulês.

Ah! já não terei mais desejos:
Pois ela velará por minha vida.

Este encanto criou corpo e alma
E dispersou os esforços.

Ó estações, ó castelos!

A hora de sua fuga, ah!
Será a hora da morte.

Ó estações, ó castelos!

* * *

Tudo isto passou. Hoje eu sei saudar a beleza.

O IMPOSSÍVEL

AH! essa vida de minha infância, o largo caminho sobre qualquer tempo, sobrenaturalmente sóbrio, mais desinteressado que o melhor dos mendigos, orgulhoso de não ter pátria, nem amigos, que idiotice! — E somente agora o compreendo.

— Tive razão ao desprezar êsses bons sujeitos que não perderiam ocasião de uma carícia, parasitas do asseio e da saúde de nossas mulheres, hoje que elas tão pouco se entendem conosco.

Tive razão de todos os meus despresos: porisso me evado!

Evado-me?

Eu me explico.

Ainda ontem suspirava: "Céus! somos tantos os condenados cá em baixo! Quanto a mim faz tanto tempo que pertenço a essa legião! Conheço-os um por um. Aliás nos reconhecemos sempre; detestamo-nos. Ignoramos a caridade. Somos, porém, cortezes; nossas relações com o mundo corretíssimas". E' assombroso. O mundo! Os mercadores, os ingênuos! — Não estamos deshonrados. — Mas os eleitos, como nos receberiam? Pois há criaturas intratáveis e joviais, os

falsos eleitos, posto que necessitemos audácia ou humildade para abordá-las. São os únicos eleitos. Não são os abençoadores!

Ao recobrar dois cêntimos de razão, — isso passa logo! — constato que os meus males vêm de não haver a tempo refletido que estamos no Ocidente. Os pântanos ocidentais! Não que acredite alterada a luz, gasta a forma, desviado o movimento... Bom! Eis que meu espírito quer a todo o transe ocupar-se com todos os desenvolvimentos cruéis que sofreu o espírito desde a morte do Oriente... Meu espírito assim o quer!

...Acabaram-se os dois cêntimos de razão! O espírito é autoridade, êle exige que eu permaneça no Ocidente. Seria preciso fazê-lo calar para eu terminar como desejara.

Mandava ao diabo as palmas dos mártires, os esplendores da arte, o orgulho dos inventores, o ardor dos salteadores; retornava ao Oriente e à sabedoria primitiva e eterna. — Até parece um sonho de grosseira preguiça!

Todavia, não pensava na delícia de escapar aos sofrimentos modernos. Não tinha em mira a sabedoria bastarda do Alcorão. — Mas não é um suplício real depois desta declaração da ciência, que o cristianismo, o homem se *engane*, se prove evidências, infle de prazer ao repetir essas provas e só assim viva? Tortura sutil, nécia; fonte de minhas divagações espirituais. Talvez a natureza pudesse aborrecer-se! O Sr. Sabe-Tudo nasceu com o Cristo.

Não será isto porque cultivamos a bruma? Ingerimos febre com os nossos legumes aquosos. E a em-

briaguez! O tabaco! e a ignorância! e as dedicações! — tudo isto está muito distante do pensamento da sabedoria do Oriente, a pátria primeira? Para que um mundo moderno, se tais venenos se engendram?

Argumentarão os homens da Igreja: “Está certo. Mas queres te referir ao Éden. Ora, nada conclui a teu favor na história dos povos orientais”. — Mas é isso mesmo; é ao Éden que me refiro! Que significa para o meu sonho, esta pureza das raças antigas!

E os filósofos: “O mundo não tem idade. A humanidade desloca-se, tão somente. Estás no Ocidente. livre porém de habitar o teu Oriente, por mais antigo que o desejes — e de aí habitar a teu bel prazer. Não sejas um vencido”. — Filósofos, vós pertenceis ao vosso Ocidente.

Espírito meu, cautela. Abandona os meios violentos de salvação. Exercita-te! — Ah! a ciência não anda assaz ligeira para nós.

— Mas compreendo que meu espírito dorme.

Se estivesse sempre desperto, a partir dêste instante, alcançaríamos logo a verdade que provavelmente nos rodeia com seus anjos em pranto!... — Se até agora tivesse estado desperto, seria porque não havia cedido aos instintos deletérios numa época imemorial!...

— Se houvesse estado sempre desperto, eu vogaria em plena sabedoria!...

Ó pureza! pureza!

Ê este minuto de vigília que me revelou a visão da pureza! — Pelo espírito vai-se a Deus!

Dilacerante infortúniol

O RELÂMPAGO

O TRABALHO humano! é a explosão que ilumina o meu abismo de quando em quando.

“Nada é vaidade; em direção à ciência e para a frente!” exclama o moderno Eclesiastes, isto é, *Tôda a gente*. E todavia os cadáveres dos maus e dos ociosos caem sôbre o coração dos outros... Ah! depressa, mais depressa; lá longe, além, muito além da noite, estas recompensas futuras, eternas... escaparemos delas?...

— Que posso fazer? Conheço o trabalho; e a ciência é demasiado vagarosa. Que a oração vôa e que a luz explode... bem o vejo. E' assaz simples e faz calor demais; passarão sem mim. Tenho o meu dever; como muitos, sentir-me-ia orgulhoso pondo-o de lado

Está gasta a minha vida. Vamos! finjamos, folguemos, ó piedade! E existiremos enquanto nos divertirmos, a sonhar amores monstruosos e universos fantásticos, enquanto nos lamentarmos e disputarmos contra as aparências do mundo, saltimbanco, mendigo, artista, bandido, — sacerdote! Sôbre meu leito de hospital, o cheiro do incenso me fêz tão poderoso; guardião dos perfumes sagrados, confessor, mártir...

Reconheço aí a sórdida educação de minha infância. Que importa!... Viver meus vinte anos, se mais outros vinte anos eu ainda viver...

Não! Não! no momento eu me revolto contra a morte! O trabalho afigura-se-me ofensivo demais ao meu orgulho: minha traição ao mundo seria um suplício assaz breve. No derradeiro instante, atacarei à direita, à esquerda...

Então, — oh! — pobre alma querida, será perdida por nós a eternidade.

MANHÃ

NÃO é verdade que *uma vez* vivi uma *juventude* amável, heróica, fabulosa, digna de gravar-se em páginas de ouro? Incomparável ventura! Por que crime, por que erro, vim a ser castigado com a fraqueza de hoje? Vós que pretendeis que os animais solucem de dor, que os doentes desesperem, que os próprios mortos sofram pesadelos, procurai aclarar os motivos da minha queda e do meu sonho. Quanto a mim, não posso melhor explicar-me do que um mendigo com seus monótonos *Pater e Ave Maria*. *Eu não sei mais falar*.

Todavia, agora, creio ter encerrado o relato de meu inferno. Era, não há negar, o inferno; o antigo, aquêlê cujas portas o filho do homem descerrou.

Do mesmo deserto, na mesma noite, meus olhos sempre cansados se voltam para a estrêla de prata, sempre, sem que os Reis da vida, se comovam, os três magos, o coração, a alma, o espírito. Quando iremos enfim, para além das praias e das montanhas, saudar o nascimento do trabalho novo, da sabedoria nova, a fuga dos tiranos e dos demônios, o desaparecimento da superstição; quando iremos adorar — os primeiros! — a Natividade sôbre a terra?

O canto dos céus, a marcha dos povos! Escravos, não amaldiçoemos a vida.

ADEUS

OUTONO já! — Mas por que ter saúdades de um eterno sol, se estamos empenhados na descoberta da claridade divina, — longe dos que morrem nas estações?

O outono. Nossa barca elevada nas brumas imóveis navega em direção ao porto da miséria, a cidade enorme de céu sujo de fogo e lodo. Ah! os farrapos podres, o pão ensopado de chuva, a embriaguez, os mil amores que me trazem crucificado! Não acabará um dia êste vampiro, tirano de milhões de almas e de corpos mortos *que serão julgados!* Revejo-me de pele corroída pelo lodo e pela peste, cabelos e axilas cheios de piolhos, e piolhos mais gordos ainda no coração, estendido entre desconhecidos sem idade, sem sentimento... Bem poderia acabar aí... A horrenda evocação! Abomino a miséria.

E temo o inverno por ser a estação do confôrto!

— Por vêzes descortino no céu praias infinitas cobertas de alvas nações festivas. Enorme navio de ouro, por cima de mim, agita suas bandeiras multicores à brisa da manhã. Criei tôdas as festas, todos os triunfos, todos os dramas. Experimentei inventar novas flo-

res, novos astros, novas carnes, novas línguas. Acreditei adquirir poderes sobrenaturais. Ora bem! eis que devo enterrar minha imaginação e minhas lembranças! Que bela glória de artista e narrador arrebatada!

Eu! eu que me acreditava mago ou anjo, fora e acima de tôda a moral, acabo rendido à terra, com um dever a cumprir, e a áspera realidade a abraçar. Campônio!

Engano-me? acaso será a caridade irmã da morte para mim?

Enfim, pedirei perdão por ter-me alimentado de mentira. E vamos.

Mas nem u'a mão amiga! e onde pedir socorro?

* * *

Sim, a nova hora é, pelo menos, assaz severa.

Pois já posso afirmar que alcancei vitória: o ranger de dentes, o silvo do fogo, os suspiros pestilentos moderam-se. Apagam-se tôdas as lembranças sórdidas. Evolam-se as derradeiras queixas, — ciúme dos mendigos, dos salteadores, dos amigos da morte, dos retardados de tôda casta —. Condenados, se eu me vingasse!

Cumpre ser absolutamente moderno.

Nada de cânticos: manter a posição conquistada. Noite de pedra! o sangue sêco suja-me o rosto, e não posso contar com coisa alguma atrás de mim, a não ser este horrível arbusto!... O combate espiritual é tão brutal quanto a batalha dos homens; mas a visão da justiça é unicamente o prazer de Deus.

Entretanto, é chegada a véspera. Recebamos todos os influxos do vigor e da ternura verdadeira. E,

à aurora, revestidos de ardente paciência, entraremos as esplêndidas cidades.

Que dizia eu de mão amiga! Já é imensa vantagem poder sorrir dos velhos amores mentirosos e envergonhar essas duplas de embusteiros. — vi lá longe o inferno das mulheres; — e ser-me-á dado *possuir a verdade numa alma e num só corpo.*

Abril-agosto, 1873

ÍNDICE

NOTA DO TRADUTOR	3
------------------------	---

UMA ESTAÇÃO NO INFERNO

***	5
MAU SANGUE	7
NOITE DE INFERNO	16
DELÍRIOS	
I. Virgem Louca. O Espôso Infernal	20
II. Alquimia do Verbo	26
O IMPOSSÍVEL	35
O RELÂMPAGO	38
MANHÃ	40
ADEUS	41

Departamento de Imprensa Nacional
Rio de Janeiro - Brasil - 1952